

SOBRE OS TEMPOS DO CONJUNTIVO

Fátima Oliveira

A significação temporal das formas do conjuntivo tem [...] um carácter virtual (não exprimindo uma localização temporal determinada) e dependente (só se realiza em relação a outra forma verbal de que depende, no contexto).

Fonseca, Fernanda Irene, Para o Estudo dos Valores do Conjuntivo em Português Moderno, Universidade de Coimbra, 1970.

A questão dos tempos do conjuntivo é um tema aliciante mas ainda pouco estudado. No entanto, Fernanda Irene Fonseca elegeu-o como tema da sua dissertação de licenciatura, conforme ilustrado pela citação em epígrafe, apresentando algumas das suas especificidades mais relevantes. É assim, em jeito de homenagem ao seu trabalho pioneiro, que abordarei alguns aspectos desta questão.

Já na sua dissertação mas também num artigo posterior sobre relações de tempo no verbo português (Fonseca, 1984/1994), a autora considera que os tempos do conjuntivo não são uma mera metáfora temporal do indicativo, pois esses tempos articulam-se em torno de dois valores: um virtual e outro temporal relativo. No primeiro caso temos um valor virtual de passado com o qual se articulam o Imperfeito e o Mais que Perfeito e de não passado com o qual se articulam o Presente (ou Futuro) e Perfeito (ou Futuro Perfeito). No segundo caso temos um valor temporal relativo de simultaneidade – posterioridade com o qual se articulam o Presente (ou Futuro) e o Imperfeito, e um valor temporal relativo de anterioridade com o qual se articulam o Perfeito (ou Futuro Perfeito) e o Mais que Perfeito. Mas no referido artigo nota ainda outros aspectos interessantes na medida em que considera que, sendo os tempos do conjuntivo essencialmente dependentes de outro tempo na frase, nem sempre é possível dizer que há *consecutio temporum* ou dependência temporal. Para ilustrar estas observações, vejam-se os seus exemplos:

(1) Acredito que venha.

* Este trabalho foi financiado pelo Programa FEDER/POCTI-U0022/2003 da Fundação para a Ciência e Tecnologia .

- (2) Acredito que tenha vindo.
- (3) Acreditei que viesse.
- (4) Acreditei que tivesse vindo.

- (5) Acredito que viesse.
- (6) Acredito que tivesse vindo.

Se os exemplos (1)-(4) confirmam essa dependência, já (5)-(6) mostram que outras combinações são possíveis. Neste último caso a autora considera que se dá “uma modalização do enunciado” pois verifica-se que “o grau de restrição de validade é maior em (5) e (6) (em termos tradicionais uma oposição entre potencial e irreal)” (Fonseca, 1994:26).

Com efeito, verbos como *acreditar* tanto podem seleccionar conjuntivo como indicativo e, tal como com outros verbos epistémicos, o tempo da completiva é, segundo vários estudos em sintaxe, independente. É assim que se considera desde Stowell (1981) que nestes casos há um operador semântico de Tempo.

Mas a sua intuição sobre a modalização ‘maior’ em (5) e em (6) advém de se verificar que, comparando com (3) e (4), se observa que nestes últimos é possível uma leitura contrafactual enquanto tal não é o caso em (5) e (6), tendo em conta, em particular, o contexto em que propõe a sua leitura. Acresce que (5) poderia ter uma eventual leitura de futuro em casos excepcionais como, por exemplo em (7), mas tal não é possível em (6).

(7) Acredito que a Maria viesse amanhã, se ainda conseguisse acabar o relatório.

1. Tempos simples do conjuntivo

Como o conjuntivo apresenta um menor número de tempos que o indicativo, isto pode levar a concluir que aquele modo permite menos distinções temporais do que o indicativo. No entanto, tal deve-se, em parte, ao facto de um tempo gramatical do conjuntivo, tal como observou Fonseca (1984), admitir a referência a mais do que um tempo, como se pode ver nos exemplos (8)-(10):

- (8) Ele admite que as crianças estejam cansadas.
- (9) Ele não acredita que as crianças gostem do filme.
- (10) Ele permite que os filhos vejam o filme.

Nestes exemplos encontramos sempre o Presente do Indicativo na frase matriz e o Presente do Conjuntivo na subordinada, mas enquanto em (8) há sobreposição temporal, pelo menos parcial, (ou até mesmo inclusão) das duas situações, em (9)

são possíveis duas leituras, uma de sobreposição ao tempo da primeira frase e outra de posterioridade da situação descrita pelo Presente do Conjuntivo. Em (10) só esta última leitura parece estar acessível.

Mas em (11), embora ambos os tempos sejam do passado, a segunda frase descreve uma situação futura em relação ao tempo da primeira e possivelmente ao tempo da enunciação.

(11) As crianças pediram que lhes contasse uma história.

Como bem notou Fonseca (1984), uma questão se coloca: serão os tempos do conjuntivo sempre dependentes? A resposta a esta questão encontra-se, pelo menos em parte, nos exemplos seguintes:

(12) O Rui pediu-me que vá falar com ele.

(13) O Rui pediu-me que fosse falar com ele.

Podemos verificar que, se em (13) o Imperfeito do Conjuntivo tem como ponto de perspectiva temporal o tempo da frase matriz, já em (12), o Presente do Conjuntivo se perspectiva em relação ao tempo da enunciação, havendo em qualquer dos casos uma informação temporal de futuro. Isto quer dizer que o Ponto de Perspectiva Temporal (doravante PPT) pode ser o da frase matriz como em (13), ou o tempo da enunciação, como em (12), que é também o PPT da frase matriz. Consequentemente há subordinação temporal em casos como os do exemplo (13) e não há em exemplos como os ilustrados por (12). No entanto, curiosamente, ambos admitem que se acrescente o adverbial de localização temporal *amanhã*:

(12') O Rui pediu-me que vá falar com ele amanhã.

(13') O Rui pediu-me que fosse falar com ele amanhã.

Porém, estas frases são diferentes porque, enquanto em (12') a completiva cria um novo domínio temporal (cf. Declerck, 1991, Silvano, 2002) a que *amanhã* também pertence, em (13') a completiva não cria um novo domínio temporal e é *amanhã* por si só que o faz. Por isso em (13), acima, se pode assumir que a conversa já teve lugar enquanto em (13') tal não é possível.

Estas possibilidades advêm de, nos contextos adequados, os tempos simples do conjuntivo poderem apresentar uma leitura de futuro, o que pode ser ilustrado pelos exemplos (14)-(16) mas também por (9) e (10), anteriormente apresentados:

(14) O miúdo está a pedir que lhe leias uma história.

(15) O miúdo pediu que lhe lesses uma história.

(16) Ele telefona-te quando puder.

Em (14), embora o tempo do conjuntivo seja o Presente e na frase matriz o tempo seja o Presente Progressivo, verificamos que a leitura temporal é de futuro, neste caso, não só em relação ao tempo da frase anterior, como ao da enunciação em virtude da sobreposição, pelo menos parcial, destes dois últimos tempos. Em (15) a leitura de futuro também se encontra disponível não só em relação ao tempo da frase principal como também é possível em relação ao tempo da enunciação.² Em (16) temos claramente uma leitura de futuro em relação ao tempo da enunciação. No entanto, o evento de *telefonar* também assinala, apesar da forma, um tempo futuro. Assim, a relação temporal entre as duas frases parece ser a seguinte: ‘quando puder’ tem como PPT o tempo da enunciação e é esta frase que constitui o PPT de ‘telefonar’. Por isso *telefona-te* é também um futuro em relação ao tempo da enunciação, mas de forma indirecta. Neste último exemplo o PPT é marcado pela frase temporal e não pela frase matriz, o que torna evidente que, do ponto de vista semântico, não há sempre subordinação temporal.

Tendo em conta o que foi dito anteriormente, é relevante perguntar se o Presente e o Imperfeito do Conjuntivo não têm leitura de presente e de passado respectivamente.

Essa leitura surge quando a construção envolve situações estativas, como é o caso dos exemplos (17)-(18) em que há sobreposição, pelo menos parcial, entre as situações pelas duas frases de cada exemplo:

(17) É uma pena que estejas doente.

(18) Foi uma pena que estivesse doente.

Com efeito, a comparação destes exemplos com (19) e (20), que apresentam situações eventivas, torna notório o contraste de leituras temporais. Porém, é preciso ter presente que o Imperfeito do Conjuntivo é um tempo que, em contextos apropriados, admite, com eventos, duas leituras como se viu em (13).

(19) É uma pena que chegues atrasado / escrevas essa carta.

(20) Foi uma pena que chegasses atrasado / escrevesse essa carta.

Estas observações acerca do Presente e do Imperfeito do Conjuntivo não são, no entanto, só verificáveis neste modo pois no indicativo também é possível encontrar essas leituras. Como se sabe, é comum o uso do Presente do Indicativo com leitura de futuro mas, embora em contextos mais restritos, o Imperfeito também pode ter

² Note-se que na primeira das leituras “lesses uma história” é passado em relação ao tempo da enunciação e por isso se pode acrescentar “mas não leste”, enquanto na segunda leitura se pode acrescentar “e vais ler daqui a pouco”.

essa leitura, em particular em usos do chamado Imperfeito de planificação, como é o caso de (22).

(21) Vou à biblioteca (amanhã).

(22) Ia à biblioteca (amanhã).

É claro que há contextos em que a subordinação temporal parece ser obrigatória, e, curiosamente, isso ocorre nos casos em que parece não poder haver um tempo independente. Veja-se as seguintes frases e, em particular a comparação de (25), agramatical, com (5), bem formada:

(23) A Ana quer que vás à biblioteca.

(24) A Ana queria que fosses à biblioteca.

(25) *A Ana quer que fosses à biblioteca.

(5) Acredito que viesse.

Porém, mesmo em casos de tempo dependente, o Imperfeito parece escapar a esta generalização porque, se em (24) a leitura mais óbvia é a de dependência temporal entre as duas frases, uma outra é também possível: o PPT da completiva pode ser o tempo da enunciação. Neste caso é por isso possível acrescentar *amanhã*, embora, se estiver presente, é este advérbio que cria o novo domínio temporal, mas, note-se, relativamente ao tempo da enunciação, como já se verificou em (13'). Portanto, a proposta de um operador semântico de Tempo, neste caso especial, faz também sentido.

Estas observações permitem-nos confirmar o que já foi verificado para outros casos, incluindo o Infinitivo (cf. Cunha e Silvano, 2006): à dependência sintáctica não está sempre associada dependência semântica, em particular no que ao tempo diz respeito.

2. Tempos compostos do conjuntivo

Quanto aos tempos compostos do Conjuntivo, podemos dizer que apresentam basicamente uma leitura de anterioridade, o que também é comum em outras formas verbais, podendo incluir-se mesmo o Gerúndio Composto³. Aqueles tempos têm também uma possível leitura de perfectividade nos casos em que o evento básico o permite, isto é, eventos com culminação. Estas observações podem constatar-se na comparação entre os exemplos (26)-(28) e os de (29)-(31), construídos com esta-

³ Veja-se Cunha, Silvano e Leal no artigo publicado neste volume.

- (26) Desejo / duvido / é bom que ele tenha lido o livro.
 (27) Desejei / duvidei / foi bom que ele tivesse lido o livro.
 (28) Vou visitar-te quando tiver acabado o relatório.
 (29) Desejo / duvido / é bom que ele tenha estado no colóquio.
 (30) Desejei / duvidei / foi bom que ele tivesse estado no colóquio.
 (31) ?Vou visitar-te quando tiver estado em Paris.

Em todos os casos há a informação temporal de anterioridade da completiva ou da temporal. No entanto, no primeiro grupo de exemplos encontramos a informação aspectual de um evento concluído (se não mesmo perfectivo) relativamente ao tempo da frase matriz, enquanto no segundo grupo encontramos um estado terminado.

Sem discutir agora as diferentes leituras proporcionadas pelas diferentes frases matriz, podemos ainda salientar o seguinte: sem deixar de marcar anterioridade, o uso do Mais que Perfeito tem associada uma leitura próxima da contrafactualidade (cf. (29')), que o Pretérito Perfeito não lhe confere, o que continua a fazer jus à acuidade das observações de Fonseca (1984), em particular no caso do verbo *desejar*.

- (29') Desejo / duvido / ? é bom que ele tivesse estado no colóquio.

No entanto, sob certas condições, o Pretérito Perfeito e o Mais-que-Perfeito do Conjuntivo podem exibir uma leitura de futuro em relação ao tempo da frase matriz, embora marquem anterioridade e, nos casos relevantes, perfectividade em relação a um outro tempo, que funciona como Ponto de Perspectiva Temporal. Esta leitura temporal ocorre em sequências de pelo menos três frases, como em (32)-(34).

- (32) Espero que a Rita tenha feito o exame quando o João voltar.
 (33) Era bom que o Manuel tivesse feito o exame quando o João voltar.
 (34) Foi bom que o Manuel tenha / tivesse feito o exame antes de o João voltar.

Em (32) e (33) “fazer o exame” é futuro em relação ao tempo da frase matriz, mas passado e perfectivo em relação ao tempo da frase temporal. A diferença de tempos seleccionados depende em certa medida do tempo gramatical da frase matriz. Em (34), em virtude da combinação do tempo da frase matriz com o da temporal, toda a sequência de frases é anterior ao tempo da enunciação, contrastando com (32) e (33), que podem ser posteriores em relação a esse tempo.⁴

Com base nos dados já analisados, podemos verificar que em muitas construções que envolvem o conjuntivo se podem encontrar diferentes combinações temporais,

⁴ Veja-se que a frase seguinte, semelhante a (34), não é aceitável:

(i) *Foi bom que o Manuel tivesse feito o exame quando o João voltar.

incluindo os tempos compostos, como os exemplos seguintes evidenciam (cf. Oliveira, 2003):

- (35) Ele duvida / duvidou que os miúdos recebam / recebessem / tenham recebido / tivessem recebido o prémio.
- (36) Ele duvidava que os miúdos ?estejam / estivessem / ?tenham estado / tivessem estado doentes.
- (37) Ele lamenta / lamentou que a Maria perca / perdesse / tenha perdido / tivesse perdido o emprego.
- (38) Ele exige que os concorrentes leiam / *lessem / ?tenham lido / *tivessem lido as instruções.
- (39) Ele exigiu que os concorrentes leiam / lessem / ?tenham lido / tivessem lido as instruções.
- (40) Ele deseja que telefones / */?telefonasses / ?tenhas telefonado / */?tivesses telefonado para casa.
- (41) Ele desejou / desejava que ?telefones / telefonasses / */?tenhas telefonado / tivesses telefonado para casa.

Em primeiro lugar pode verificar-se nestas frases completivas que o tipo de verbo da frase matriz e o tempo em que este se encontra determinam uma maior ou menor flexibilidade na selecção dos tempos do conjuntivo. Com efeito, verbos factivos admitem os diferentes tempos, com as óbvias diferenças de leitura, enquanto verbos como *exigir* (ou *ordenar*, *exortar*) ou *desejar* (ou *querer*, *preferir*) requerem uma informação de posterioridade, não aceitando a combinação de presente na frase matriz e passado na subordinada.

No entanto, nestes casos, o Pretérito Perfeito Composto do Conjuntivo é admissível, colocando-se a questão de saber porquê.

Se considerarmos que a sua leitura de anterioridade é relativa a um outro tempo que funcione como PPT, é esse ponto de perspectiva temporal que pode estar dependente temporalmente da frase matriz, como se pode ver nas temporais em (42) e (43). Deste modo, “tenham lido” e “tenhas telefonado” não podem ocorrer antes do tempo da frase matriz.

- (42) Ele exige que os concorrentes tenham lido as instruções antes de / quando preencherem os impressos.
- (43) Ele deseja que tenhas telefonado para casa antes de /quando se encontrarem no restaurante.

Por último, esta não dependência temporal da frase matriz pode ainda ser vista em casos de sequências de frases com verbos que seleccionam modos diferentes.

Assim, quando há uma sucessão de frases, a selecção do modo parece depender

da oração imediatamente superior como em (44). No entanto, também se pode encontrar o caso inverso, isto é, o modo da segunda subordinada está dependente da frase matriz, enquanto o predicado da frase intermédia não parece exercer qualquer influência na selecção do modo, como em (45):

(44) O Jorge lamenta constatar que a Rita não concluiu o relatório.

(45) Agrada-me constatar que este assunto seja digno de menção.

No primeiro destes exemplos, verificamos que o modo indicativo é seleccionado por *constatar*, uma vez que *lamentar* selecciona conjuntivo. No segundo exemplo, o conjuntivo da terceira frase só pode ser seleccionado pelo predicado da frase matriz dado que *constatar* selecciona indicativo.

Há ainda um outro grupo de construções em que o predicado da frase intermédia é de conhecimento/crença e o da matriz apresenta um valor negativo, como no exemplo seguinte (cf. Ridruejo, 1999):

(46) É impossível reconhecer que ele tenha faltado ao compromisso.

Novamente, neste exemplo, encontramos um verbo, *reconhecer*, que selecciona indicativo em completivas, mas no exemplo aqui apresentado é seleccionado o conjuntivo em virtude da frase matriz.

A selecção do modo nestes casos, em função da dependência da frase matriz ou da frase intermédia, parece dever-se à possibilidade de os predicados das duas primeiras frases constituírem uma espécie de predicado semântico pois não parece haver argumentos para que seja um predicado complexo (cf. Gonçalves, 2007). Com efeito, as frases não finitas parecem mais naturais do que as finitas, o que se pode observar nos diferentes exemplos de (47).

(47) Agrada-me ter constatado que este assunto tenha sido digno de menção.

(47') ??Agrada-me que ele tenha constatado que este assunto tenha sido digno de menção

(47'') (?)Agrada-me ter constatado que este assunto tivesse sido digno de menção.

(47''') *Agrada-me que ele tenha constatado que este assunto tivesse sido digno de menção.

Por outro lado, nos exemplos com infinitivo simples há sobreposição temporal tal como é proposto por Cunha e Silvano (2006) para o infinitivo simples, relativamente a um certo grupo de verbos, embora diferentes destes (*pensar, jurar*, quando estativos).

No entanto, com infinitivo composto a leitura é de anterioridade. Em (47) o

PPT de *agrada-me* é o tempo da enunciação e a infinitiva é anterior sendo o seu PPT fornecido pela frase matriz/tempo da enunciação. Curiosamente, *ter sido digno de menção* é anterior ao tempo da frase intermédia, que parece fornecer o seu PPT.

Do ponto de vista temporal, há uma diferença clara entre a frase intermédia ser infinitivo simples ou composto: compare-se (45), aqui repetido como (48), com (48') e estes com (47) em que o infinitivo é composto.

(48) Agrada-me constatar que este assunto seja digno de menção.

(48') Agrada-me constatar que este assunto tenha sido digno de menção.

Estes exemplos mostram que parece haver sobreposição temporal com infinitivo simples e anterioridade com o composto. No entanto, são os casos como (47) que colocam problemas: o tempo da matriz e da frase intermédia é diferente e por isso estes casos não favorecem a ideia de um complexo semântico que permitiria seleccionar o modo que o verbo da matriz selecciona.

Porém, se compararmos os exemplos (47'')-(47''') com (49), o argumento do complexo semântico parece poder sustentar-se.

(49) Agrada-me ter constatado que este assunto tinha sido digno de menção.

(49') Agrada-me que ele tenha constatado que este assunto tinha sido digno de menção.

A agramaticalidade ou aceitabilidade duvidosa de (47'') e (47''') advém de o Mais-que-Perfeito necessitar de um PPT passado. Como nestes exemplos o único disponível é o da frase intermédia, tal prova que o conjuntivo está dependente da frase mais alta. Pelo contrário, nos exemplos (49) não há agramaticalidade porque o Mais-que-Perfeito do Indicativo tem como ponto de perspectiva temporal o tempo passado da frase intermédia.

3. Algumas conclusões

1. Em completivas, o conjuntivo não é sempre um tempo dependente do da frase matriz. Pode ter como PPT o tempo da enunciação, criando um novo domínio temporal. É relevante o tipo de verbo que selecciona o conjuntivo. O PPT pode também ser o tempo de outra frase diferente da matriz.

2. Os tempos simples do conjuntivo podem veicular leitura de futuro quando construídos com eventos. O Presente apresenta leitura de presente e o Imperfeito de passado se construídos com estados.

3. O Imperfeito do Conjuntivo, seleccionado por verbos em que há tipicamente tempo dependente, pode não o ser (veja-se (24))

4. Os tempos compostos veiculam anterioridade.

5. Em frases com mais do que uma completiva o modo pode ser seleccionado

não pela frase imediatamente anterior, mas pela frase mais alta. Mas há diferenças entre tratar-se de completivas finitas e não finitas e ainda neste último caso se o infinitivo é simples ou composto. No primeiro caso parece formar um complexo semântico com a frase mais alta possivelmente por haver sobreposição temporal. No segundo caso, a anterioridade do infinitivo composto sugere uma outra leitura.

Como se pode ver, as questões em aberto são ainda muitas, o que torna ainda aliante a investigação deste tema abordado por Fernanda Irene Fonseca já em 1970.

Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Centro de Linguística da Universidade do Porto

foliveir@netcabo.pt

Referências Bibliográficas

- Cunha, L.F. & P. Silvano, 2006 “A Interpretação Temporal dos Infinitivos em Orações Completivas de Verbo”, Oliveira, F. & J. Barbosa (orgs) *Textos Seleccionados do XXI Encontro da APL. Lisboa*, Colibri, pp. 303-314.
- Cunha, L.F., A. Leal & P. Silvano, 2008 “Relações Retóricas e Temporais em Construções Gerundivas Adverbiais”, neste volume.
- Declerck, R., 1991 *Tense in English. Its Structure and Use in Discourse*. Londres, Routledge.
- Duarte, I., A. Gonçalves & M. Miguel, 2005, “Propriedades de C em frases completivas”, *Actas do XX Encontro da APL*, Lisboa, Colibri, pp. 549-562.
- Fonseca, F.I., 1970 *Para o Estudo dos Valores do Conjuntivo em Português Moderno*, Dissertação de Licenciatura, Universidade de Coimbra.
- Fonseca, F.I., 1984 “Para o estudo das relações de tempo no verbo português”, *Boletim de Filologia*, tomo XXIX, Lisboa, pp.405-420. Também publicado em Fonseca, F. I., 1994 *Gramática e Pragmática. Estudos de Linguística Geral e de Linguística Aplicada ao Ensino do Português*, Porto, Porto Editora, pp. 15-28.
- Gonçalves, A., 2007 “Formação de predicados complexos de reestruturação em Português Europeu: condições e consequências”. Apresentação feita no CILING, FLUP.
- Oliveira, F. 2003 “Modalidade e Modo”, Mateus, M. H. *et al. Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa, Caminho, pp.243-272.
- Ridruejo, E., 1999 “Modo y Modalidad. El modo en subordinadas sustantivas”, Bosque, I & V. Demonte *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*, Madrid, Espasa, pp 3253-3322.
- Silvano, P., 2002 *Sobre a Semântica da Sequência de Tempos em Português Europeu*. Dissertação de Mestrado. Universidade do Minho
- Stowell, T., 1981 *Origins of Phrase Structure*. Tese de Doutoramento, MIT.